

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 93

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 29 de Agosto de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

A nossa "objectiva,, política

O sr. dr. Alfredo Pimenta organisa o
Partido Evolucionista em Guimarães

Reportagem... à força

Deu o efeito que previamos, o resultado que desejávamos, a publicação daquela nossa entrevista sobre «Política Local», inserta no n.º 91. As afirmações e pontos de vista nela expressos eram de molde a estimular, a dar mais vida a um pensamento e a uma aspiração latentes entre nós, tam latentes que sómente esperavam os seus portadores a melhor oportunidade de se afirmarem na República dentro dum agrupamento que, a seu modo, traduzisse aquilo que eles dizem ser a sua vontade...

Se a República, já agora, sempre tinha de ser, racionava-se, porque esperar, se era tempo de fazer-se, pela comunhão de todos os bons portugueses, a vida normal do país?! Surgisse, pois, alguém de autoridade e prestígio que desse os primeiros passos para a coordenação dos elementos expectantes, e esse alguém veria como a barcarola singrava de feição. Assim foi.

Estava destinado para tentar a primeira etapa o nosso presado conterrâneo dr. Alfredo Pimenta, actualmente secretário do sr. Ministro do Fomento.

Chegou efectivamente aí no sábado, sendo a sua primeira demarche uma visita à casa do «Beringel» a encontrar-se com o sr. cônego José Maria Gomes. De passagem digamos que não podia o sr. dr. Alfredo Pimenta bater a melhor porta. O sr. cônego José Maria Gomes, logo após a proclamação da República, aderiu ao novo regimen, sendo justiça reconhecer-lo que o fez por maneira franca e lial.

Dessa conferência resultou aprasarse para o dia seguinte

Uma reunião. Quem assistiu?
O que se resolveu?

Não assistimos, nem lá tivemos representante. Isso não obsta, todavia, que não saibamos o que lá se disse, quem foi que o disse e, finalmente, aquilo que lá se resolveu, pois temos um dedo na mão esquerda que acreditem! — tem o privilégio de... adivinhar.

Principiemos. A reunião foi numa casa do Largo da Misericórdia, pela volta das 21 horas.

Assistiram os srs. dr. Alfredo Pimenta e seu irmão Rodrigo Pimenta; cônego José Maria Gomes, dr. Pedro Guimarães, José Pinheiro, General António Emílio de Quadros Flores, dr. Alfredo Matos Chaves, etc.

Alguns mais mandaram cartões declarando a impossibilidade de assistirem à reunião, outros prometeram o seu voto incondicional. Usando da palavra o sr. dr.

Alfredo Pimenta agradeceu aos presentes a fineza de sua compariência àquela reunião — que espera será o prenúncio de outra bem mais concorrida. Desenvolve depois o seu modo de ver sobre a política nacional, discorre e esplanafactos passados na organização dos partidos, demonstrando, finalmente, quanto o programa e fins do Evolucionismo satisfazem as aspirações e tendências do povo português.

Fala ainda de eleições municipais, na conveniência de se fundar um Centro e criar um jornal, orgão do partido, etc., etc.

Apoiando-o nas suas considerações, arriscou um dos presentes a opinião de que o sr. cônego José Maria é que estava bom para figurar no cabeçalho.

S. ex.ª desculpa-se, cita com espírito os inconvenientes do... cabeçalho para figurar no cabeçalho.

Finalizando, foi marcada nova reunião para breve, voltando aqui de novo o sr. dr. Alfredo Pimenta, reservando-se para essa altura a nomeação da comissão executiva organisadora do Partido Evolucionista em Guimarães.

Erão 24 horas. Chovia cá fora como em Dezembro.

Não sendo, embora, o que nós
somos, nem por isso os
combateremos à "outrance,

E' evidente, todos o sabem, que nós estamos com o Partido Republicano Português cujo alto corpo representativo é o seu Directório. Não obstante esta divergência de caminhos, obvio será afirmar aqui que não traduz isso motivo para brigar-mos, de viseira carregada, contra os que em outros agrupamentos, talvez com uma fé igual à nossa, procuram agir adentro da República, tomando assim parte na acção política nacional. Não. Como até no princípio escrevemos, constitue causa de satisfação este movimento de actividade e interesse politico na nossa terra, pois preferimos medir-nos na discussão leal e oposta de adversários, a chocar-nos com inimigos adestrados para a mordedela acintosa no regimen pela leitura da «Nação» e dum jornal libertário, nosso homónimo. Preferimo-lo, sem dúvida, tanto mais que só vemos proveito para o prestígio do regimen que, depois dos sucessos ocorridos, se elaborarem e formem dous grandes partidos, ambos fazendo o governo e a administração pública por uma fiscalisação simultânea, intelligente, e, sobretudo, patriótica. Pensando assim, não nos gloriaremos inutilmente, correndo

ao sabor de paixões partidárias, porque — a verdade é esta! — não estamos dispostos a contribuir para a continuação duma politica de escrescências morais, essa politica ignóbil que o exímio Bordalo caricaturou sintética e rigorosamente — numa grande porca!...

Vida politica

CENTRO DEMOCRÁTICO

Visita a Guimarães
do dr. Afonso Costa

Depois de dois anos de República e de a evidência se haver verificado o insuccesso e a rematada loucura duma criminosa incursão, liquidada para todo o sempre, resta agora que por uma intelligente orientação se determine e faça a coesão politica, integrando-se todos os cidadãos portugueses, que ainda amam e querem ver prestigiada e enobrecida a terra da Pátria, nos diversos agrupamentos partidários. Neste pensamento, — que não temos dúvida em afirmar ser o pensamento predominante de toda a gente sensata e verdadeiramente portuguesa! — vamos encontrar os «Evolucionistas» e igualmente os «Democráticos», trabalhando na elaboração do partido local. Neste logar damos conta do que, quanto aos «Democráticos», se pensa e projecta.

O Centro Republicano de Guimarães, porque tem existência anterior a 5 de Outubro, poderia talvez parecer que, em vista das suas afinidades históricas, se viesse a transformar em Centro Democrático, afirmando-se assim baluarte desse partido, entre nós. Mas não. Rasões de técnica politica determinaram lançar as bases de outro grémio, indo, ao que nos consta, serem distribuidas circulares convidando ao ingresso todos quantos admiram, apreciam e tem na devida conta as qualidades de estadista do proeminente cidadão dr. Afonso Costa, bem assim da maneira superiormente nacional e activa de ser politica desse partido a que ele se consagra — o Partido Republicano Português. Seguidamente é propósito convidar esse grande português a vir a esta cidade, recebendo nessa ocasião a carinhosa homenagem dos seus correligionários e admiradores.

E, que saibamos, nada mais por enquanto.

Falta de espaço

Por abundância de original somos obrigados a pôr de parte alguns ecos, notícias e uma carta para a secção «Jornal para todos».

O Pão

Deve vender-se, no próximo
sabado, a pouco
mais de 6 tostões

A Câmara tem, enfim, a sua disposição no Porto, e está tratando de ver se consegue te-los aqui, no proximo sabado, 93.500 kilos de milho pertencentes á primeira remessa dos 130 mil kilos que precedentemente reclamara para o Mercado Central dos Produtos Agricolas. Este milho, segundo o decreto que autorizou a importação, "não poderá ser vendido por preço superior a 600 reis o duplo decalitro, sobre vagon, nas estações de caminho de ferro dos postos marítimos e nas da raia seca". Deve pois ser fornecido ao povo consumidor por pouco mais do que isso — isto é, tem as classes pobres, durante perto de dois meses, o pão de que carecem por um preço razoavel, de molde a fazer a tranquillidade do lar.



Romarias

Oh! as romarias do Minho! as romarias do Minho!

E neste tom chorinca, recorda saudoso o articulista do Imparcial:

«Era o S. Tiago com os andores altos como torres; era a Senhora da Lapinha com os zabumbas e os guioes; era a Santa Luzia com as passarinhas «e mais a chuva miudinha»; era a Senhora da Conceição com as novenas «por gélidas manhãs»; era a Senhora da Madre-de-Deus-de-Fóra (com quê?) «com as damas gentis da cidade»; era o S. Torquato com a noitada do fogo, etc., e tantas outras «insensatamente banidas», arremata em copioso pranto! Só foi pena que ele viesse publicar o artigo em Guimarães, onde toda a gente que presa a verdade sabe que nenhuma dessas romarias deixou de realizar-se, excepção do S. Tiago por coincidir com uma ocasião anormal. A da Senhora da Lapinha teve logar, com ou sem «zabumbas», com ou sem «guiões», no monte do mesmo nome, aonde os... literatos como o articulista do Imparcial podiam ir estudar as nuances desses arraiais tipicos e alegres.

Depois da incursão...

Assim como os tempos mudam, mudam as opiniões... politicas.

Quem tal diria! Desfeita a esperança vil do resurgimento do regimen que caducara em Outubro de 1910, fôram-se modificando as opiniões... politicas de muitos que até á data da incursão couceirista preconisavam, sem o menor reboço, a queda da República.

Do mal... o ménos! Seja assim, já que os fados assim o querem.

Será para bem?, será para mal? O tempo, que é bom filósofo, o dirá solenemente no momento oportuno.

As crises sociais são em tudo semelhantes ás crises físicas. Muitas pessoas há que, depois de curadas duma doença impertinente e de graves apreensões, contraem logo outra, que ás vezes é «filha da primeira». E no entanto chegou a supôr-se que o corpo que fôra fortemente inquietado por tal doença e dela se salvara, nunca mais, na medida do possível, voltaria a cair na morbida apatia que já o ameaçara de morte...

O tempo o dirá — porque o tempo é permanente testemunho destas coisas...

Diabos... que escrevem!

Lá que os diabos efectivamente existam no entender de certos fanáticos... a fingir, admite-se e desculpa-se, porque enfim cada um come do que gosta; mas que os diabos se dirijam ás redacções de jornais que exploram a credence popular e a armam para a ruína peléja social por processos que ninguem de bom senso póde tomar a sério, é inacreditável e ultra sensaborão.

Nós eramos até capazes de apostar que, se porventura qualquer dos nossos leitores, que tivesse a infelicidade de acreditar na existência das infernais criaturas, recebesse um dia correspondência assinada pelo diabo azul ou pelo diabo pardo, immediatamente se dirigia a um... notário para que este lhe reconhecesse a firma do barbante que ousara escrever-lhe do famoso antro.

Doutro modo — crêmo-lo piamente — não seria capaz de dar crédito á assinatura do figurão...

¡ Não obstante, jornais ha que recebem cartas que lhes são dirigidas pelos referidos diabos, dando-lhes crédito e publicidade!!

Mas... reflectindo bem, não há que estranhar... pois não é verdade que certos pulhas se atrogam o direito de vir à praça pública ferir e enxovalhar quem podia intimar-lhes silencio em nome da moral que eles tantissimas vezes agravam e vilipendiam ??

AS RONDAS

—Faltai ao correio de ontem?... Bem sei. Mas tenho imenso que te contar; imenso que é infinitamente alegre!

A mesma hora em que o carteiro se aproximava da tua porta, e, passando, caminhando sempre, te deixava profundamente triste, eu (perdô...), eu entretinha-me roubando um par, na *bareira*, em Santa Marinha—não de jaqueta ao ombro e cravo amarelo, como usam romeiros os aldeões, mas vulgarmente «á cidade» e sem que alguma coisa me importasse com o que em mim surgia de estranho naquela função camponês do vivo sapateado—parecendo pelo que te conto, meu amor, não merecer que um só dos teus pensamentos use para comigo de menos indulgência.

Mas se o teu coração assim o quizer, com que razões será que eu não possa justificar perante os teus cinco perfeitos sentidos os a l v o r o ç o s deste temperamento meu, tão rapaz e desusado, tão inquieto e alegre, á moda antiga, se eu o erdei, tal qual t'ô ofereço, deste ar de volúpia que nos enamora, desta paizagem fôfa e aveludada nas verdes copas que se propagam, do espaço alto e graciosamente azul, e, sobre tudo, desta incidência galante do ouro do sol sobre a doce graça estiva, mantendo vibrante o canto dos ramos do arvoredo viçoso entre os estrelados e profundos corações de uma nobre raça? Meu amor, meu amor—em nós, em verdade, a vida canta com um prazer que a toda a hora multiplica, ao de cima da espontânea afluência de mil e uma ondas de inquietos reventos, essa atmosfera enlevada dos beijos que a alegria impulsivamente desprende, cantando e beijando, por exaltação e meiguice e vigor, do fundo de toda a nossa vida á terra toda! O nosso canto é por vezes alado e doirado como as nuvens. E um momento há, também, em que o canto eterno de nossos avós se reclina como a napeia exausta a quem as rosas e o pó da estrada alindam, adormecendo consigo as árvores, o sol e as nuvens, a par do motivo melódico das fontes, na hora espiritual dos amorosos segredos...

O nosso canto possui, como eu o sinto, todas as femininas moralidades da vida.

Dêse modo, hontem, quando a cidade desarmava as tendas da feira e o povo, despachando e em multidão, se perdia lá por entre os ramos enlaçados e doirados, no caminho, principiou a reflectir-se o nuvêdo esparso pelo alto céu azul, á última onda do sol, de uma cor de prata lúcida e atraente; e as flores vermelhas dos potes anais, entre as hortas cinzentas e sobre a pedreira brava dos cachôrrs rebentando nas frontarias de quintal, surgiram logo mais vivas, num carmin de papel como pintado e ardente. Ao fundo scenográfico da aldeia, erguendo a linha esbelta do corpo como para do alto avistar, num sorriso ansioso, a terra toda deste mundo, os pinheirais perfilavam-se, altivos, com o segredo das rôlas embalando-se nas altas tôcas espessas. E cá em baixo—não sei porque... —por todo o mar da varzea as árvores principiavam a vestir-se de lavado; um banho de frescura e sombra asseava os ramos, parecendo torná-los mais leves e novos...

Nisto, como por encanto e a leve golpe da aragem—primeiro longinquamente, despertando um sorriso, e logo com vigor, afirmando-se—ouviu-se a distância um solene e provincial truar de bombos e caixas fortes, em alegre jornada!...

—Porque tocam e bailam os bombos, irmã Maria?...

—Vão aos mordomos. E' amanhã a ronda!

—Como que me encolhi e reco-lhi com o segredo e prazer da novidade!...

E então puz-me a imaginar roneiros contentes zurrando forte nas peles ás portas do mordomo, de maçaneta em riste, entusiasta, e uma perna no ar: ensaiando o passo de dança dêsse concêrto que significa *passar* na caninha-verde com o instrumento rotundo suspenso sobre a barriga.

A' porta de João da Esquina, porventura, os bombos atruavam com justa e eloquente coragem. Garotos descalços, correndo sobre uma onda de poeira, na estrada, engolfavam-se prestes por entre o cerrado canavial dos milhos, resolutos, e á procura das canas de fogueite. No prédio, ao alto e sob a adufa vermelha, a sr.^a Tereza, com o dedo polegar emborcado para a bôca, fazia signal aos roneiros para um gole e o presunto. A menina Chica estendia o braco languido ao de fora do peitoril, neurotica e com o seio estremecendo-lhe ao vibrar dos bombos no compasso da «dragôna». E João da Esquina puchava para cima ao cordel da campainha da escada, arrastava entusiasticamente os tamancos até á soleira da porta—de bracos suados roçando na camisa ou erguendo-se, fraternaes, com prazer e franqueza.

—Dez reis de cigarros fortes, sr. João.

—Não ha. Acabaram-se...

—Olhe que estão acolá.

—Não há, já disse. Chuche num dêdo.

—Remember! Irra! Não há!...

E na outra porta, do lado de cima, a sr.^a Tereza basava, sobre a palma da mão de um caixa, o vinho alegre num copo canelado.

—E quanto eu mais imaginei!

A' noitinha partimos. Estrada fora os ramos viviam um doce socego; estrelas sem conta, scintilantes, empoeiravam o caminho sereno do céu, sob o qual a teia de funcho, prateada, da via-lactea, se desdobrava e espreguicava; e os sapos, no longo sêrro denegrido e monstruoso, cantavam lento e monotonico, lento e triste, lento e perdido, como as últimas campainhas, a distância, de um rebanho que dobrava e descia o outeiro...

Era de um sentimento de abraço, profundo, esse silencio da noite...

Mas um tanto mais clara, para lêste, a paisagem principiou a molhar-se, nas tocas dos salgueiros apertados á vinha, de uma onda de luar calma e penugenta.

—Esclarecido paraíso!... Tem uma belesa triste, que é do que de mais profundo se sente numa religião de artista...

Fomos subindo, de olhos fixos no mar de sonho, prateado, que sobre os ramos, de momento para momento, parecia crescer e caminhar para nós.

E só tu, meu amor— a quem estas doces coisas esvrevo, porque sou teu e infinitamente te amo—só tu não podestes sentir, com um dobrar escuro de caminho, a surpresa vivaz que de repente tivemos, face á face ao grande mosteiro dos frades de S. Jeronimo: vendo-o surgir todo bordado, em torno dos seus numerosos bordados de pedra, caprichosos, nas gotas de ouro, suspensas, de uma iluminação assaz velhinha e embebecida, sorridente e humilhada, sob a aragem noturna...

E só tu não viste, desde então, a graça de um arraial provincial-lesco, gasto em *familia*, com cincoenta moças da freguesia brandeando, de chale no braco, as arqueadas saias de um luxo garido e caro.

Concentrada no adro do mosteiro, ligeado e enorme, a filarmônica do logar discorria, atenta aos papeis, sobre os trechos de um concerto que ipnotisava os olhos sentimentais do povo crédulo e quiêto.

Ao alto, umas vezes doirada e exaltada, como os olhos curiosos e ingênuos das crianças, outras profundamente azul e embebedado-se de sentimento triste a um longo movimento da aragem, a iluminação de grisêtas surgia-nos sempre desigual, ora entusiasta, ora tímida, sobre os duros enfeites do templo, como se essa fosse a primeira e rudimentar, mas precisa lição de um iriz iluminante.

Porém, nos entrevalos da banda da aldeia, e mais celebre, sorrava decidida, pela fresquinha regalada e longa da noite, no terreiro, entre o povo, uma alegre viola de arame.

Moças robustas, das que sempre experimentam com proposito a tempera amorosa e imprudente da raça, furtavam-se na dança num requebro de seio e ancas provocador e triunfante. A uma volta da *bareira* as-las de face: toda a boca num sorriso astucado, que era um beijo esfolhando-se; as chinelas ligeiras raspan-do e brincando contra a poeira, sob a influencia dos ritmos; os braços erguidos, em arco, e levados na onda inquieto e contente, de face ao par fronteiro.

E, apertado pelo povo, o violeiro sorria:

Tanto limão, tanta lima,

tanta silva, tanta amôra...

Tanta menina bonita,

meu pai sem ter uma nôra!...

Com a restolhada forte da dança o arraial em Santa Marinha reinava elástico e quente e ardente sob o lento e silencioso esmorecer das luzes, a uma e uma.

E a um largo bater de mãos, já estouvado, já final, as saias de requebro folgado formavam longa onda de ramos garridos nas passagens bem lançadas e contornadas da *bareira*. Os ventres altos e optimos, sacudidos pelos olhares de recondita ambição a êsse revoltar constante da dança que se aquecia, quasi que se esqueciam e apertavam.

Silva verde e orvalhada ao medronheiro se enleia...

Meu amor, se me prenderes, deixa-me larga a cadeia.

E a dança morreu quando o violeiro, malicioso, deixou cair, de súbito e numa grande gargalhada, a mão dorida e tonta de sobre as cordas da viola de arame.

—Tende mão!...

Mas eis a madrugada, suave ingenuidade de pupila azul e quieta!... Nem uma nuvem que corresse... Nem um ramo, dormente, frouxo, que se embala-se... Nenhum movimento, mas uma só graça, casta e despida, que se suspendia e acariciava, criança ainda.

Com o seu último instante, envolveu-se no céu uma estrela: gôta de prata, a perder-se, que era um brinco da noite prometido á terra soberanamente bela, quieta e repassada de orvalhos. Longo aroma de estevas, como ascendendo em alegóricos motivos ritmicos, impregnava e perfumava o ar. E lento a lento, quasi de choro perdido, que surpreendia, compassavam as aves um canto queixoso e vago, que dava á madrugada a expressão de uma ingénua elegia amorosa, breve resiliada á luz triunfante do sol.

O dia nasce e morre entene-cida, maguadamente...

E então, sobre a frontaria suja e empedrenida do mosteiro antigo, cais, limpido, um doce banho azulado de aurora, destacando a velha academia das três grandes estátuas de santos, eternamente pesadas e ridentes. Na sua frente o grande terreiro conventual espraiava-se, limpo

entre a afoita balaustrada tórrida e pintada pelos lichens amarelos de dois séculos. Para cima, no alto, grandes souts de carvalhas húmidas e cingidas enlaçavam a montanha agreste de Santa Catarina, cobrindo o mato das sortes que em baixo as moitas de azinho, vermelhas, pareciam incendiar. E lentamente o dia, em sua luz de flor a descerrar-se, iluminava mais e mais, com ino-vildável graça e alegria, a frondagem verde viçosa do imenso mar de arvoredo, caudaloso declinando e ondeado até aos limites longiquos do burgo de medievá origem: Guimarães.

Breve os gonzo da igreja rangeram, antigos. Um grupo fresco e forte, de cavadores, chegou e apressou-se. Principiaram saindo para o terreiro ligeado altas azas policromas do andor da ronda ma-

«Complot,, em Guimarães?!
—só por engano!...

Conforme dizíamos, mais uma bomba-monárquica foi encontrada, esta na freguesia de Abaço, logar da Fornalha, em casa de João Pinto, com oficina de ferreiro, prêsso na casa das Dorotêas.

Está ainda carregada e, declarou êste que o seu fabricante fôra o chauffeur do sr. José Maria Leite, também de novo detido pelo mesmo motivo.

REPORTAGEM

A contas.—Consta-nos que vai ser chamado ao tribunal o autor dum artigo inserto no último número dum pasquim que se publica nesta cidade, para que ali esclareça insinuações grosseiras dirigidas á comissão administradora dos bens do Estado,—a quem está confiado o Tesouro da Colegiada e que, como é sabido de todos, é presidida pelo nobilissimo caracter e grande artista Abel Cardoso.

Repressão.—O governo renovou as suas ordens terminantes para o encerramento das casas de jogo illicito, visto que nem em toda a parte tinham sido acatadas.

Já vêem que não é possível que se continue a jogar em Vizela, como alguém nos queria fazer acreditar.

Desastre.—Sofreu graves contusões, há 8 dias, próximo das Taipas, na occasião em que vinha montado em *móto*, o sr. José Gonçalves da Cuiha.

O seu estado é delicado.

Espectáculo.—O leitor não... conhece o «Genro do Caetano»? Pois se o quer vêr, representado em 3 actos, é ir logo, ás 21 horas, ali ao Salão Artístico. E, como bem diz o programma, uma fabrica de gargalhadas, e êle, está provado, ainda vale a pena viver... a rir.

Os preços são rasoáveis e os artistas, no seu conjunto, agradam. E' a impressão que nos fornecem aqueles que vieram, por nós, no domingo passado, o João José.

Vamos, pois, ao teatro!

Lei da separação.—Tendo-se ausentado para parte incerta o pároco da freguesia de S. Martinho de Leitões, deste concelho, António Mendes de Araujo Guimarães, o arquivo paroquial já se encontra na Repartição do Registo Civil de Guimarães, faltando-lhe porém o livro de registos de nascimentos desde Setembro de 1891 a 1910, o qual não appareceu, presumindo-se que aquele pároco o deixasse guardar em qualquer casa, ou amigo, pois que ainda esteve com êle nesta cidade, em 5 de Julho passado, quando da revisão dos mancebos no dis-

tutina. E o sino começou também badalando as Avé-Marias, tímida, piedosamente. Com mais pressa os barrotes foram saindo, ás brachadas. Ao longe, na quebrada sonora de um vale, entre sobeiros, bombos artezuados, de festa, começaram surrando. E o povo, aos grupos, veio subindo a ladeira. Tendo inclinado, ao ombro dos camponeses, meio andor de Santa Catarina rompeu da igreja para o terreiro alegre. Músicos da aldeia, com o lenço branco mergulhado em redor do colarinho de borracha, sobraçavam o instrumento, cavaqueando. A hora da ronda aproximava-se. Ia uma azafama de pregarias contornando o andor levantado em pleno terreiro.

Alfredo Guimarães.

Do livro «O Jornal do estio».

CARTA ABERTA

Aos católicos de S. Torquato

Meus amigos:

A afirmação feita por mim na última carta, de que era colossal a vossa ignorância, originou protestos de alguém, e chamadas á parte de quem não merece um momento só de consideração. Aos que protestaram directamente para esta redacção, vou dizer-lhes serenamente a verdade nua e crua, ficando eu desde já convencido de que se êsses cavalheiros me lerem, dispensar-me não de novo a sua consideração.

Os meus amigos não compreenderam o alcance da minha afirmação, e, porque não o compreenderam, irritaram-se. A amizade e o interesse que tenho pela vossa existência social, é tam grande, que se mil explicações me fossem pedidas, milhares de explicações eu vos daria. Escutai: Quando chamei colossal á vossa ignorância, queria eu referir-me á falta de conhecimentos scientificos que vós, como uma imensa parte do povo português, possuís, infelizmente. E se alguém, para alienar a simpatia que vós tendes pela República e seus defensores, vos disse que *houve ofensa*, chamando-vos ignorantes, pois o mesmo foi que chamar-vos não-inteligentes, esse alguém mentiu-vos ignobilmente.

A ignorância, meus queridos amigos, não é um defeito, não é causa de censura, de invectiva. Chamar-vos ignorantes das verdades scientificas, não é chamar-vos falhos de intelligência. As vossas faculdades mentais, podem estar aptas a assimilar toda a porção de conhecimentos scientificos, se o meio em que viveis vos priva de tais conhecimentos, vós ignorais, sem todavia serdes inaptos para a compreensão das coisas.

Explicando melhor: Vale mil vezes mais a intelligência do nosso amigo Lopes, da Corredoura, que três ou quatro cerebros como o do doutor Assis, lente aliás, da Universidade de Coimbra. Acreditai, pois não exagero. O sr. Lopes, num meio grande como Lisboa ou Porto, seria um dos primeiros industriais ou mecânicos do seu tempo; o doutor Assis, nas universidades alemãs ou belgas, seria o *mesmissimo* doutor Assis das calinadas e das atapalhações.

Já vedes, meus amigos, que *intelligência* não se pode confundir com *ilustração*. A intelligência é a faculdade da compreensão como o talento é a faculdade da criação. E se assim não é, digei-me:

—E' ofensa dizer-vos que ai, entre os meus amigos, não há quem conheça a obra poética de Guerra

Junqueiro, a obra científica de Sarmiento, a obra histórica de Herculano ou de Oliveira Martins?

É offensa dizer-vos que desconheceis os trabalhos enormemente úteis e científicos do illustre Teófilo Braga?

Quem haverá nessa freguesia que tenha manuseado algum dia, um livro do sábio alemão Buchner, ou do profundo pensador inglês Spencer que ainda hoje é o Mestre de todos os educadores do mundo?

Quem terá aí sobre a sua mesa um livro de Palma de Vilhena, sobre a agricultura, um livro de Rodrigues de Moraes, sobre vinicultura e viticultura, ou que conheça os estudos de Batalha Reis, João da Mota Prego, e tantos e tantos que tem enriquecido a nossa obra científica agrícola?

E todavia meus amigos, eu, que sei o quanto vós andais distantes do conhecimento de tudo isto, que vos digo? Que se a vossa inteligência fosse conhecedora de muitos trabalhos como estes que vos aponte, o vosso abade não poderia aí viver, porque, então, a vossa força seria outra, e a vossa freguesia seria um exemplo de paz, de ordem moral e de progresso. Porque, vêde bem, não é com ameaças nem com punhos cerrados que vós purificais a vossa freguesia do maléfico padre sedutor e pernicioso, mas sim, com a vossa cultura, que vos torne de escravos que sois, em homens livres, contando com o trabalho próprio e não com a intervenção da Providência representada no vosso padre Guilhermino, de Basto natural. Não meus bons amigos: enquanto vós desconhecedes que o Mundo é eterno, infinito e ilimitado; que o Sol é um dos inúmeros corpos celestes passageiros e a Terra um dos inúmeros planetas que o rodeiam, e que a mesma Terra, este globo em que vivemos e do qual se conhece o tamanho, como vós conheceis o tamanho do vosso relógio de bolso, que a Terra, dizia eu, atravessou um longo período de resfriamento antes que a água se tornasse em gotas líquidas e se podesse realizar a condição primária de toda a vida orgânica, enquanto que vós desconhecedes isso e muito mais, não tereis coragem para dispensar o vosso abade a quem pagais a oferta, — isto enquanto ele sonha em desonrar-vos, prostituindo-vos o lar! Enquanto vós não trocardes a Bíblia pela verdade científica, progressiva e sempre renovada, haveis de ser os eternos explorados, os infelizes oprimidos.

Mas estai certos que passados cinquenta anos, aí em S. Torquato há de estar tudo mudado, no que respeita a cultura mental e moral. A Verdade marcha a toda a velocidade para vós. Assim como o homem de ciência triunfou do tempo e do espaço pelo telegrafo e pelo telefone, e pelo chlorofórmio triunfou da dor, assim os homens livres hão de triunfar da ignorância.

E vós, meus amigos, que repastastes na minha afirmação da última carta, se soubesdes o significado da palavra *ignorância*, não veríeis desprimor nem melindre... porque ignorante é muita gente boal! A vossa ignorância da verdade científica, na mais pura acepção da palavra, é um facto. Esperemos que os vossos filhos, nascidos na época do *rádiu*m, sejam, quando tiverem a vossa idade, mais conhecedores que vós, e que sabendo que as religiões foram inventadas pela ignorância humana, que não sabendo explicar os fenómenos físicos os dava como creados por uma vontade divina, hão de nessa altura da vida rir-se da vossa ingenuidade e ignorância, quando se puserem a pensar em que o raio produzido pela descarga eléctrica, longe de ser um castigo de Deus, é um fenómeno tam natural como a chuva, e que um tremor de terra é tam natural tambem como a explosão

duma caldeira a que se não deixa sair o vapor.

Há tanto que saber ainda, meus amigos! Mas esta palestra não fica por aqui.

Fica para outra ocasião: conversaremos sobre a aparição da Terra, com a forma que actualmente tem, e da aparição do Homem no Globo, do Homem que, animal sem linguagem e sem sentimentos sociais, foi a pouco e pouco caminhando para o aperçoamento em que actualmente se encontra, gastando milhões e milhões de anos a conhecer a sua origem, a sua própria natureza.

Vamos, não vos zangueis. Eu bem sei que não sois culpados em nunca terdes poisado os vossos olhos sobre a *Fôrça e Matéria*, de Buchner ou *A Descendência do Homem*, do Darwin.

Se vós conhecesseis tais obras... ai senhor abade! senhor abade!

Rabi.

Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia treze do próximo mês de Outubro, pelas onze horas, à porta do tribunal desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e para pagamento de passivo descrito e aprovado no inventário orfanológico por óbito de Vitorino Simões Sampaio Bragança, casado que foi com a cabeça do casal D. Emília da Glória Dias Ferreira, do lugar de Portezêlo, freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca, ha de proceder-se à arrematação, em hasta pública, dos bens abaixo mencionados, os quais serão entregues pelo maior lance oferecido acima da sua avaliação, ficando por conta do arrematante toda a contribuição de registo, a saber:

Diversos mobiliários e roupas; o casal denominado de Portezêlo, situado, com todas as suas pertenças, águas, poses, direitos, acessórios, servidões activas e mais logradouros na freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca. É de natureza enfiteutica, foreira ao Conde de Margaride, desta cidade, ao qual se paga o fóro anual de 58,125 de milho alvo, correspondentes a três alqueires da antiga medida deste concelho, 29,127 de centeio, correspondentes a alqueire e meio da mesma antiga medida, e 480 réis em dinheiro, com o laudémio da quarentena, pagando-se mais aos possuidores do casal do Penêdo Velho, pela água que vem para o tanque deste casal de Portezêlo, a pensão annual de 58,125 de pão meado, milho alvo e centeio, correspondentes a três alqueires da referida antiga medida deste concelho.

Este casal compõe-se das seguintes glebas:

O assento, que é formado de casas sobradadas, com suas salas, quartos, cosinha, lojas, lagar e lagarêta, casas terreas, côrtes, eido, com sua ramada, fechado por dois portais, sendo um ao nascente e outro ao poente, alpendre e eira de pedra, capela e mais dependências, e, junto e unido, o quintal com tanque e água de bica explorada em terrenos do casal do Penêdo Velho, e o campo da Vessada e Combra,

terra lavradia com arvores de vinho e fructa, e um moinho;

Campo denominado de Pinhô, lavradio, com arvores de vinho; campo denominado da Eira, terra lavradia, com arvores de vinho, tendo ao norte um rôço com carvalhos e salgueiros: este campo está sujeito à servidão duma mina de água que vai regar o campo da Vessada, pertença do casal de Balborreira, situado na freguezia de São Tomé de Abação;

Campo denominado de Oleiros, terra lavradia com arvores de vinho e com servidão de bois e carros por prédios do casal de Balborreira; — duas leiras denominadas de Oleiros, com um rôço de mato e carvalhos, formando tudo um só prédio;

Campo chamado de Pereiroz, lavradio, com arvores de vinho e servidão activa de bois e carros por prédios do casal dos Jucados;

A veiga Grande, também conhecida por veiga de Baixo, lavradia, com arvores de vinho e um rôço com carvalhos;

A veiga Pequena, teara lavradia com arvores de vinho e um rôço com carvalhos;

A veiga Pequena, terra lavradia com arvores de vinho e um rôço com carvalhos,

O campo denominado de Cortamil, terreno lavradio com arvores de vinho e oliveiras, tendo também um combro com carvalhos e servidão de bois e carros por terras da quinta do casal e dôze horas de água aos domingos, de quinze em quinze dias, da poça da Goiça, desde 24 de Junho a 15 de Agosto de cada ano;

O lameiro denominado do Gato Bravo, antigamente chamado do Longal, lavradio, com arvores de vinho e com água de torna em torna desde o dia de São Miguel até o dia de São João, do barroco do Longal, e desde o dia de São João ao dia de São Miguel, todas as semanas vinte e quatro horas, desde sexta-feira ao meio dia até sábado à mesma hora;

Campo denominado do Alqueidão, lavradio, com arvores de vinho e com água de torna em torna desde o dia 24 de Junho a 29 de Setembro;

A propriedade denominada da Boucinha, composta de casas terreas, telhadas, e de terras de horta com arvores de vinho, fruta e ramadas, e junto a esta propriedade um terreno actualmente cultivado, com arvores de vinha e que em tempo era a devesa da Boucinha;

A sorte denominada do Calvário ou do Cruzeiro, próximo ao cemitério paroquial, terras de mato com carvalhos e pinheiros;

Sorte denominada da Assubida, também conhecida por sorte da A'gua Levada, ou Cerquinha, terra de mato com carvalhos.

O referido casal foi avaliado, com dedução do fóro, laudémio e pensão na quantia de 6:200\$005 réis. E a pensão activa consistente em 29,129 de milho, milho alvo e centeio,

em partes iguais, que ao mencionado casal é obrigado a pagar o casal do Balborreira, da freguezia de São Tomé de Abação, desta comarca, como indemnisação da servidão duma mina de água que vai regar o Campo da Vessada, pertença daquêle casal do Balborreira, à qual servidão está sujeito o campo da Eira do casal a pracear.

Foi avaliada na quantia de 20:300 réis.

Guimarães, 14 de Agosto de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 4.º officio,
Joaquim Penafort Lisboa.

EDITAL

(1.ª Publicação)

O Cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do Concelho de Guimarães:

Faz saber que João Mendes Ribeiro, negociante e industrial da freguesia de S. Jorge de Selho deste concelho, apresentou nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para a fundação de uma fábrica de fiação, num terreno situado no lugar do Pevidem da mesma freguesia.

Dentro da referida fábrica será instalado o seguinte:

“Uma locomovel “Lauz”, tipo “S. C. E Compound”, de vapor sobreaquecido com condensação da força normal de 100 cavalos efectivos e máxima contínua 125;

1 gerador de corrente trifásica da casa “Derlikon”, com a potência de 102 K. V. A, 220 Volts e com a frequência de 50 periodos;

1 quadro de distribuição para os seguintes motores: 6 para os torces, 1 para as cardas, 1 para os batedores e 6 motores fiandeiros para os contínuos.”

Este estabelecimento acha-se incluído na 2.ª classe da tabela anexa ao decreto de 21 de Outubro de 1863 com a indicação dos seguintes inconvenientes: Perigo de explosão e incêndio.

São por isso convidadas as autoridades públicas, os chefes e agentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamar, por escrito, nesta administração do concelho, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente edital, se quiserem opor-se á concessão da requerida licença; e, findo que seja aquele prazo, não havendo reclamação alguma seguirá o processo os seus devidos termos.

Para constar se passou o presente edital e outro de igual teor, que serão afixados nos logares indicados no § 1.º do artigo 6.º do decreto acima citado.

Administração do concelho de Guimarães, 26 de Agosto de 1912.

E eu *Acácio Machado da Silva Faria Oliveira*, amanuense servindo de secretário, que o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, faz público:

Que em sessão ordinária realizada no dia 20 do mês corrente, foi tomada a seguinte Deliberação

“Convidar, por meio de editais, todos os donos de jazigos, mausoléos etc. existentes no cemiterio público municipal desta cidade, a procederem a sua limpeza, pintura de portas e grades e avivamento das letras, como preceitua o § 2.º do artigo 20 do respectivo regulamento, dentro do praso de 30 dias.”

Findo este praso proceder-se-ha nos termos da lei.

E, para constar e mais efectos legais se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, Secretaria Municipal 26 de Agosto de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente da Comissão,
Mariano da Rocha Filgueiras.

Arrematação

2.ª PRAÇA

(2.ª Publicação)

No dia 13 de outubro próximo, às 11 horas à porta do tribunal judicial, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, vai segunda vez à praça por 1:396\$250 réis, uma morada de casas de um andar, com quintal e mais pertenças, situada na rua Ferreira Caldas, freguezia de S. João das Caldas, desta comarca, com os n.ºs 11 e 13 de policia e composta dos predios que na conservatória se acham descritos sob os n.ºs 12,210, 22,593 e 23,512, sendo parte deste prédio de natureza de praso, com laudémio da quarentena.

A esta arrematação se procede na execução hipotecária que Rita da Cunha, viuva e sua filha, movem contra Manoel da Costa e seus filhos, todos da povoação de Vizela, desta comarca. Ficam, pelo presente citados quaisquer credores incertos dos executados.

Guimarães, 10 de Agosto de 1912.

O escrivão do 6.º officio,

João Joaquim d'Oliveira Bastos,

Verifiquei.

P. de Rezende.

Pinheiro

Empresta-se sobre grandes ou pequenas hipotécas até 10:000\$000 réis.

Cartas à redacção deste jornal a «Waldemar».

Venda de casas

Vendem-se as duas moradas de casas da rua do Dr. Avelino Germano com os números 62 a 64 e 66 a 68.

Nesta redacção se dão informações.

A PRODUTORA VIMARANENSE
Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada
 Rua 31 de Janeiro — **GUIMARÃES**

Esta sociedade operária, encarrega-se da execução de qualquer trabalho concernente às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como o provam diversos trabalhos já executados, dos quais, além da seriedade em que são executados, resulta grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens que gosam as Sociedades Cooperativas,
 Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a **preços módicos.**

Sapataria Vimaranense
 — DE —
António José Mendes
 5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezerro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Ao Chic da Moda

DE

Camilo Alves de Almeida
 12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovaes. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: **ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA**

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80
 (ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios
 DEPOSITO DE MALAS
 VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno 1\$200 rs.
 Semestre 600 "
 Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "
 Numero avulso 20 "

Anuncios e communicados, por linha 40 rs
 Repetição, por linha 20 "
 Permanentes, contracto convencional.
 Anuncios, não judiciaes, para os snrs. as signantes 25 % de abatimento.

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.
 Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, **guarda-se segredo profissional**, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão